

Alfabetização e letramento: pensando a questão da leitura em sala de aula

Luciana Velloso Silva Seixas (UERJ/ProPEd)

Thais Vianna Maia (UERJ/ProPEd)

Eixo temático 1: Leitura é problema de quem?

Resumo

O presente trabalho visa analisar, a partir das definições apresentadas por Magda Soares, os conceitos de alfabetização e letramento, com base em depoimentos de três professoras da rede pública de ensino do município do Rio de Janeiro, que nos informaram um pouco sobre sua relação com a leitura e a escrita, enfatizando a centralidade de tais processos em nossa sociedade contemporânea. Para compreendermos a importância do ensino na formação humana, é preciso considerá-lo no conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. Tendo este aspecto em vista, podemos perceber que a questão da alfabetização e suas repercussões no cotidiano tem sido alvo de preocupações e debates por parte de professores/as e pesquisadores/as de diversas áreas. As professoras aceitaram conversar conosco sobre suas trajetórias, experiências e as dificuldades de seus/suas alunos/as. Fizemos a análise das entrevistas semi-estruturadas, enfocando as atividades que desenvolvem com suas turmas para estimular o hábito da leitura. Seus depoimentos apontam para o fato de que elas buscam alargar esta prática ao trazerem para suas salas de aula uma diversidade de materiais com os quais os alunos e alunas já estão familiarizados através de seus contatos sociais.

Começo de conversas

O presente trabalho visa analisar, a partir das definições apresentadas por Magda Soares, os conceitos de alfabetização e letramento, com base em depoimentos de professoras que nos informaram um pouco sobre sua relação com a leitura e a escrita, enfatizando a centralidade de tais processos em nossa sociedade contemporânea. O momento da alfabetização escolarizada é visto como uma fase demasiadamente complexa do desenvolvimento infantil, que muitas vezes apresenta demandas que a escola, por falta de condições ou outros fatores diversos, acaba não dando conta de abarcar.

Considerando que a prática educativa é algo que ocorre em todos os ambientes sociais, seria simplista ver o processo de ensino como algo que se restringe ao espaço da sala de aula. Segundo Libâneo (2002, p.38), *o trabalho docente é uma das modalidades específicas da prática educativa mais ampla que ocorre na sociedade*. Para compreendermos a importância do ensino na formação humana, é preciso considerá-lo no conjunto das tarefas educativas exigidas pela vida em sociedade. Tendo este aspecto em vista, podemos perceber que a questão da alfabetização e suas repercussões no cotidiano tem sido alvo de preocupações e debates por parte de professores/as e pesquisadores/as de diversas áreas.

No dia 30 de maio de 2008, a coordenação da Diretoria de Educação Fundamental da Secretaria Municipal de Educação organizou uma palestra para os professores/as regentes de turma, proferida por João Wanderley Geraldi (Unicamp). O autor discutiu sobre alfabetizações cotidianas, processos de desenvolvimento da leitura e da escrita, enfocando as dificuldades de muitos/as alunos/as em se adequarem ao tipo de lógica textual que as instituições escolares valorizam.

Geraldi demonstrou-se bem receptivo aos comentários do público, que teve liberdade para interferir durante toda a sua fala. O auditório, composto praticamente só por mulheres (só havia um homem), participou ativamente com questões e opiniões. A Secretaria forneceu um texto de apoio do autor sobre a temática abordada.

Em dado momento da palestra, uma professora pede a palavra e narra sua experiência. Ela é professora de uma turma de terceiro ano do primeiro ciclo, ou seja, a antiga segunda série. São trinta e cinco crianças, em sua maioria vindas de famílias com poucos recursos financeiros. A professora então declara: *Eu tenho minha turma de trinta e cinco e trinta deles ainda não estão alfabetizados! Eu já entrei em depressão, fui até na missa fazer promessa para ver se conseguia dar um jeito. Eu realmente não sei mais o que fazer...*

A reação geral foi uma mescla de espanto e indignação. Geraldi parecia inconformado com o fato de que a escola possivelmente não estava oferecendo um ambiente propício para a alfabetização destes alunos. Toda a responsabilidade se depositava nos ombros da professora, com uma tarefa quase hercúlea de alfabetizar a tantos e em pouco tempo.

Geraldi foi em defesa dos/as professores e professoras ao afirmar: *Ainda dizem que os docentes não se preocupam com a aprendizagem dos seus alunos. Ela vai até*

fazer promessa para ver se eles aprendem! Embora a Secretaria de Educação esteja investindo na questão da alfabetização e na capacitação dos/as professores/as que atuam nas salas de leitura, podemos perceber que alguns mestres esbarram com dificuldades mais profundas.

A partir do encontro, estabelecemos contato com três professoras da rede pública de ensino regentes de turma, que aceitaram conversar conosco sobre suas trajetórias e experiências enquanto docentes que lidam o tempo todo com a leitura e a escrita e com as dificuldades que essas duas ações evocam em seus/suas alunos/as. Fizemos a análise das entrevistas semi-estruturadas, enfocando as atividades que desenvolvem com suas turmas para estimular o hábito da leitura.

Fizemos uma tentativa de ir, aos poucos, estreitando relações com aqueles que são os profissionais indispensáveis de qualquer prática pedagógica institucionalizada: os professores. Através das conversas, abrimos espaço para que as docentes dessem seus depoimentos, expressassem suas inquietações e opiniões, para que com isso, pudéssemos conhecer um pouco melhor as práticas que eram conduzidas no interior de suas instituições escolares. Baseando-nos em Barbosa (2005, p.78), os professores são vistos como

detentores de saberes historicamente negligenciados, na medida em que são forjados no cotidiano das práticas que desenvolvem [e que] têm importantes contribuições a nos dar nesses estudos, por serem aqueles que verdadeiramente dão corpo e sentido às propostas pedagógicas produzidas, na maior parte das vezes, longe deles.

Letramento e alfabetização em debate

Considerando que ao chegar no contexto institucional da escola, as crianças já dominam uma série de códigos apreendidos fora da alfabetização formal, concordamos com Paulo Freire (1992) quando este afirma que

A leitura e a escrita das palavras, contudo, passa pela leitura do mundo. Ler o mundo é um ato anterior à leitura da palavra. O ensino da leitura e da escrita da palavra a que falte o exercício crítico da leitura e da releitura do mundo é, científica, política e pedagogicamente, capenga (p.79)

Nesse sentido, entendemos que os docentes precisam levar em conta os conhecimentos adquiridos em outras esferas de conhecimento, por exemplo, jornais,

revistas, Internet, TV e vídeos. A professora Nalva afirmou que procura fazer um trabalho diversificado, envolvendo interpretação das ilustrações de contos de fadas, lendas e personagens do folclore, empréstimo de livros e gibis, leitura de poesias e filmes de clássicos infantis.

A professora Jandira nos afirmou que desenvolve várias atividades com as crianças aproveitando os livros, e dentre elas merece destaque a “Hora do Conto”. Jandira faz a seguinte descrição da atividade:

É feita a divisão da turma em grupos, onde cada grupo escolhe, em comum acordo, uma história de preferência. Eles lêem em casa e na data marcada, contam a história para a turma, sem consultar o livro. Na hora, um aluno ajuda o outro, para que nada seja esquecido. A turma faz perguntas e todos se sentem motivados, principalmente quando alguém resolve contar outras histórias lidas. Após o término da primeira etapa, os alunos partem para a segunda que é a construção de novas histórias. Depois de prontos e revisados pela professora, os livrinhos passam a fazer parte do cantinho do livro da sala, onde contém livros de leituras variadas e as crianças, após o término das atividades, têm liberdade para manuseá-los.

Jandira conta também que já houve oportunidade de se editar um livro das crianças no projeto “Abraça um aluno escritor”. Com relação a poesias, o mesmo acontece. A culminância foi feita com a apresentação de um varal de poesias e de “Classificados Poéticos”, onde as crianças, aproveitando a idéia dos classificados de um jornal, vendem, alugam, emprestam, oferecem ou dão o que quiserem em forma de poesia.

A professora Carla enfatizou a presença de uma figura importantíssima em seu processo de letramento. O pai da professora, que sempre foi um leitor compulsivo, acabava instigando seu interesse a adentrar no universo das letras. Nas palavras da docente

Às vezes corria os dedos pelas páginas dos livros dele, e falava alto aquilo que acreditava estar escrito. De tanto chorar e pedir para ir para a escola para saber ler, minha mãe me colocou numa escolinha perto de casa com cinco anos. Pedia a minha mãe para ler a cartilha para mim. Quando a professora a abria, eu já falava a lição toda, mesmo antes dela apontar o que deveria ser lido.

Levando em conta a declaração acima, podemos nos apropriar de um termo de Pierre Bourdieu (1999), para compreender que Carla herdou dos seus pais um capital cultural que lhe permitisse, desde sua infância, uma relação mais próxima com a leitura. O conceito de Bourdieu pode ser entendido como o conjunto de valores, transmitidos

mais por vias indiretas que diretas, que cada família transmite aos seus filhos, permitindo-os ter diferentes atitudes diante da instituição escolar.

A partir das definições que Magda Soares estabelece entre alfabetização e letramento, podemos pensar importância dessa perspectiva na aprendizagem da leitura e escrita nos diferentes contextos sociais. Segundo Magda Soares (2003), o termo letramento pode apresentar dois sentidos. O primeiro se refere ao termo como resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais da leitura e escrita. O outro o define como estado ou condição de quem se envolve nas numerosas e variadas práticas sociais da leitura e da escrita.

Existe ainda, no âmbito da pesquisa e prática pedagógica, a necessidade de se discernir os conceitos de alfabetização e letramento, para um bom procedimento do processo de alfabetização dos alunos em sala de aula. O conhecimento desses conceitos e o domínio sobre as conseqüências que eles representam propiciarão o desenvolvimento de um trabalho pedagógico mais reflexivo nas classes de alfabetização.

A alfabetização restringe sua atuação à transmissão de informações que permitem os indivíduos ou grupos dominarem a tecnologia do saber ler e escrever, ou seja, ter a capacidade de identificar e distinguir os códigos de leitura e escrita da sociedade. Trata-se do ensino limitado e mecânico da leitura e da escrita.

Com relação à formação das três professoras, percebemos que elas foram alfabetizadas ainda nos moldes mais tradicionais, com o uso de cartilhas e livros didáticos. Contudo, seus depoimentos apontam para o fato de que elas buscam alargar esta prática ao trazerem para suas salas de aula uma diversidade de materiais com os quais os alunos e alunas já estão familiarizados através de seus muitos contatos sociais. A professora Carla deixa muito clara esta busca por novas alternativas quando faz alusão aos materiais que utiliza nas aulas, dentre os quais destaca um trabalho com *leituras de imagens (simbólicas), gibis, revistas, jornais, contos, crônicas, poemas, (...) de tudo um pouco, valorizando as diversas formas de linguagem.*

Nessa busca de uma nova interpretação dos entendimentos de leitura e escrita, o letramento possui um conceito mais abrangente, indo além da alfabetização enquanto mera decodificação. Esse termo surgiu a partir da necessidade de classificar um fenômeno ao qual durante muito tempo não foi dado a devida importância, mas que, com a crescente afirmação da leitura e escrita na nossa sociedade passou a ser priorizado.

A idéia de letramento pressupõe, além do domínio da leitura e escrita, a apropriação e aplicação desses domínios nas práticas sociais. À sociedade não mais basta saber ler e escrever, ou seja, ser apenas alfabetizado, mas também, saber utilizar esse conhecimento para uma prática reflexiva. A relevância deste processo fica evidente nos dizeres de Magda Soares (2003) ao nos informar que

termos despertado para o fenômeno do letramento significa que já compreendemos que nosso problema não é apenas ensinar a ler e escrever, mas é também e sobretudo, levar os indivíduos a fazer uso da leitura e escrita, envolver-se em práticas sociais de leitura e escrita (p.58).

Outro assunto pertinente aos conceitos de alfabetização e letramento refere-se a questão da não existência de uma hierarquia entre eles. Os dois processos, não competem entre si, pois andam juntos, “de mãos dadas”. Quando um dos dois processos não é realizado inteiramente, o outro é comprometido e, por isso, não há hierarquia. A plenitude do processo seria, como já descrito anteriormente, alfabetizar letrando.

Um sujeito alfabetizado, nem sempre é letrado, ele pode saber ler e escrever, mas não saber utilizar esse conhecimento na prática, nas relações sociais. O contrário também acontece. Um analfabeto pode ser letrado se, mesmo não dominando os códigos de leitura e escrita, puder desempenhar com facilidade funções que teoricamente necessitariam da alfabetização. Ir ao supermercado, por exemplo, é uma função que necessitaria da alfabetização - já que as informações sobre os produtos e seus preços encontram-se escritas - porém, é uma função freqüentemente desempenhada por pessoas analfabetas. Essas pessoas desenvolvem meios para a decodificação da informação, devido a necessidade de sobreviver numa sociedade letrada.

A professora Nalva, por exemplo, nos afirma que nasceu em uma família com poucos recursos, que, segundo seus dizeres, não a estimulava ao interesse pela leitura. Contudo, sua família possuía um profundo conhecimento de mundo, ou um saber cotidiano que lhe habilitava a desempenhar tarefas como fazer compras, pagar contas e até mesmo conviver com o mundo da suposta cultura letrada com grande desenvoltura. É a leitura de mundo que aquele núcleo familiar já havia dominado através simplesmente do viver neste mundo.

Magda Soares (2003) nos fala ainda sobre o leitor proficiente, que é capaz de fazer uma leitura rápida e bem-feita de qualquer texto que lhe for apresentado. Neste caso, trata-se do tipo de leitura que pode ser enfatizado, pois não só auxilia na compreensão de textos escritos, mas também de outros formatos de textos, como

gráficos, tabelas e figuras. Este sujeito diferencia-se do que é apenas alfabetizado, pois, muitas vezes este último não é capaz de decodificar e compreender esses textos apresentados em outros formatos que não o escrito. É comum verificarmos indivíduos alfabetizados com dificuldades de interpretação gráfica, o que evidencia uma falha no processo de alfabetização. A plenitude do processo seria formar indivíduos capazes ler o mundo, de compreender seus múltiplos códigos e ter uma postura crítica e reflexiva frente a eles.

Cabe ao professor incitar nas crianças essa prática reflexiva, não se restringindo apenas ao ensino mecânico da leitura e da escrita. O professor deve saber utilizar um método de alfabetização adequado e complementá-lo, adicionando a ele técnicas que levem a compreensão, interpretação, reflexão e domínio de diferentes qualidades de materiais escritos. Assim, é possível alfabetizar “letrando”, interagindo com a criança e preparando-a para o uso do domínio alfabético na sociedade.

Referências Bibliográficas:

BOURDIEU, Pierre. Escritos de educação. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

LIBÂNEO, José Carlos. *Pedagogia e pedagogos, para quê?* 6.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SOARES, Magda Becker. Letramento em verbete: o que é letramento e alfabetização? In: *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2003, p.20-60.